LETRAS

PERIÓDICO CULTURAL • Nº 15 • ANO II BELO HORIZONTE, OUTUBRO DE 2007 TIRAGEM: 1500 EXEMPLARES • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



SHOW ME THE MONEY!!!

E de Editorial

Eu podia estar cozinhando, eu podia estar viajando, eu podia estar até mesmo pedindo trocados no ônibus, mas estou aqui, estimado leitor, apresentando a você esta edição dedicada ao tema dinheiro.

O assunto pode ser controverso, mas se existe algo inegável, é o fato de que, amando ou odiando, todos em algum momento temos que travar relações com esta "entidade" que é o dinheiro, e lidar com sua influência sobre os mais sortidos aspectos da vida.

Em meio ao inevitável, meus 2 centavos de opinião a respeito - não há pobreza pior do que a pobreza de espírito. Compre, mas não se venda!

M3

O leitor mais observador deve ter notado que nosso periódico atende agora pelo nome de Letras. Mais do que assumir o "apelido" pelo qual o mais chegados carinhosamente tratam o "A.K.A. Letras do Café", essa mudança reflete um processo a que todos que em alguma medida estão envolvidos com o jornal têm acompanhado: a consolidação do Letras como informativo cultural.

Longe de ser um começo ou um fim, esse nada mais é do que o momento em que tornamos claro que o Letras já há algum tempo desceu as escadas do Café com Letras - sua "terra natal" e ganhou a cidade. São mais de 30 pontos de distribuição. Dezenas de colaboradores, alguns de muito além de Belo Horizonte, escrevendo sobre os mais variados temas. opinando, contando histórias. Importantes entrevistados também já passaram por aqui. Pedaços da nossa história que já renderam citações ao Letras e são fonte de renovação constante da vontade de ver, a cada mês, a conclusão de uma nova edição.

Muito mais está por vir, sempre buscando um enfoque interessante e diversificado sobre o tema da vez e sobre tudo, e sempre também de olho na produção cultural local. Espaço há de sobra...

Por tudo isso, é com muito orgulho e com a certeza da responsabilidade que isso significa que (re)apresento ao você, amigo leitor, o Letras.

Boa leitura!

Carla Marin

F DE FRED

Fred Guimarães

Quem quer dinheiro?

A relação humana com o vil metal é bastante dúbia. Existe uma devoção muito velada. Ora, o dinheiro é uma criação do homem e ele tem as suas responsabilidades sobre tal invenção. Quando eu falo da devoção velada é porque há uma cultura no sentido de não se poder endeusar o cifrão. De fato acredito que não se pode mesmo, mas que ele é essencial à nossa vida, ah, isso ele é...

Assim, quando se deseja algum voto a alguém, ou o dinheiro não é dito, ou quando ele o é, é o último da lista. Acredito que deveria ele ter uma hierarquia superior.

Tá certo, o dinheiro não traz felicidade, ele manda comprar! Fora a brincadeira, acho que a felicidade pode ser proporcionada a vivência. Ora, isso só por si só retrata alguma felicidade. Além de outras coisinhas que vão se tornando mais básicas, como uma boa roupa (R\$ 180,00, jeans normal), uma boa casa (R\$ 60.000,00, dependendo acha-se neste preço), uma boa viagem (R\$ 1.300,00, sem ser munheca, com direito a jantar e muitas bebidas) e por aí vai, numa sucessão de coisas materiais que podem muito bem trazer sorrisos e momentos de muitos prazeres.

Ok! Saúde é o que mais precisamos, pois sem ela não há como obter o dinheiro ou mesmo usufruir das aquisições. Mas se por algum acaso adoecermos, certamente o seu plano de saúde (R\$ 200,00, um plano básico), que você pagou como seu dinheiro religiosamente todo mês, poderá lhe proporcionar o melhor tratamento e medicamento.

bem, como você consegue a paz? Um exemplo: ter suas contas devidamente em dia, pagas pelo seu dinheiro, com certeza poderá lhe trazer a devida paz de dormir mais sossegado... E isso é só um exemplo, pois a paz se manifesta de várias formas, sendo conquistada com o bolso se não cheio, pelo menos até a metade.

A família é porto seguro. Mas este ponto de apoio somente se dá se os seus pais lhe proporcionarem coisas decorrentes do... dinheiro. Eles o criaram com carinho e afeto, que se demonstra também com a comida (R\$ 45,00, por pessoa por dia), ou a boa educação formal (R\$ 300,00, só de material escolar).

Amigos são essenciais - a família que escolhemos. Mas amigos precisam ser cultivados, o que se dá a partir do momento em que haja uma mínima conversa ou encontro (fora o fato de que, como já escrevi anteriormente, se você não conhece ninguém tomando leite, imagina não tomando nada...). Você se comunica com seus amigos pagando a conta de telefone (R\$ 33,00 só para ter a linha), no mínimo. E para encontrar vai rolar nem que seja um café - R\$ 2,50 no Café com Letras, acho! Ter amigos e mantê-los, gastasse!!!

O amor. Este todo mundo quer... Vai lhe valer algum tanto de dinheiro. No mínimo para conhecer o seu amor... Uma hora rola o encontro e pelo menos um refrigerante, coisa de R\$3,00 (incluindo o 10% do garçom, acredito).

Está certo que valores não se compram. Mas mantê-los com nenhum dinheiro ou com muito pouco é difícil, convenhamos!!!

Todos nós precisamos e MUITO do dinheiro e devemos colocá-lo no devido lugar. Quando for destilar os votos aos outros, aproveitando inicio do ano vindouro, coloque o dinheiro na sua posição: acompanhando aqueles considerados mais "nobres"! Show me the money...

Fred Guimarães é um dos imortais do Café com Letras!

E de Expediente

Editoria e Direção Geral:

Carla Marin Rodrigo James Editora de Literatura Ana Elisa Ribeiro **Editor Honorário:** Bruno Golgher

Redação (esta edição):

Alemar Rena Carlos Cardoso Carlos M. Teixeira Fred Guimarães Gabriela Mudado Isadora Troncoso Reinaldo Morais Tiago Mesquita Vinícius Lacerda

Jornalista Responsável:

Vinícius Lacerda **Tiragem:** 1500 exemplares

Impressão: Gráfica Fumarc

979

Anúncios: para anunciar no Letras, fale com Bruno: bruno@cafecomletras.com.br

979

Letras é uma publicação periódica da ONG Instituto Cidades Criativas - Rua Antônio de Albuquerque, 749, sala 705, Savassi - Belo Horizonte/ MG - CEP 30112-010



MANDE UM E-MAIL PARA O LETRAS: LETRAS@CAFECOMLETRAS.COM.BR



A face da moeda



Tiago Mesquita

Em 1962, Andy Warhol começou a pintar notas de dólar. O trabalho com o tema marcou a maior transformação de sua trajetória: a passagem das técnicas mais tradicionais de desenho e pintura para a serigrafia. Warhol realizava uma cópia de cada nota e as transformava em uma tela de silk-screen. Essa tela transpunha a imagem da nota para o quadro de maneira rígida e padronizada. As notas apareciam uma ao lado da outra e uma em cima da outra, em colunas justapostas. Ocupavam todo o espaço do quadro, obedecendo a uma ordem serial e mecânica, em forma de grade. Nos melhores trabalhos, era como se Warhol preenchesse o espaço da tela da mesma maneira em que disporia mercadorias na prateleira de um supermercado. Os efeitos eram estabelecidos pela relação entre as imagens, não por uma abordagem pictórica do que ele imitava e nem por um questionamento da presença daquela imagem em uma tela.

O artista procurou radicalizar os seus procedimentos anteriores. Ele já havia trabalhado sobre as ilustrações das revistas, desenhos de sapato, histórias em quadrinhos e peças publicitárias. Retirava suas referências dos meios de comunicação de massa e os tratava com pinceladas abertas e a tinta escorrida. Era como se pintasse os temas dos impressos ao modo de um pintor americano dos anos 50. O uso das cores e da tinta nos remete a procedimentos de De Kooning e Jasper Johns. As pinceladas são generosas, deixam a marca da tinta e por vezes se despreendem do contorno dos objetos. O aartista trabalha os temas quase em um hibridismo entre o desenho comercial e a pintura que sai do expressionismo abstrato. Ele parece acreditar nesse arranjo de cores como uma forma de criação de relações pouco conhecidas a partir de um objeto pouco familiar à alta arte.

De 1961 em diante, ele buscou objetos ainda mais banais, que enfatizassem o caráter repetitivo, vulgar e a aparência gráfica dos seus motivos. O seu interesse em conciliar o bom gosto com o kitsch se reduz. Warhol se interessa pelo o que é ordinário, insosso e mais próximo do dia a dia. Como se a arte pudesse a se aproximar de algo trivial, que embora se diferenciasse do cotidiano, não parecia o aborda-lo de maneira elevada.

Por isso, trabalhou as embalagens das mercadorias, sobretudo os objetos quaisquer, objetos banais do cotidiano, que ele encontrava aos montes na rua e nas gôndolas. Ele figurava latas de sopas Campbell e garrafas de coca-cola. Disso, para desenhar dinheiro foi um pulo. Os dólares eram, de longe, a mercadoria preferida de Andy Warhol. Além de circularem aos montes, serem de uma ordinariedade incomparável, o papel moeda ainda era plano, tal como a pintura. Foi sob os auspícios monetários que ele conseguiu trabalhar as coisas mais rés-do chão e de maneira menos pictórica. Criar relações de pintura onde não parece ter muita pintura.

Os seus primeiros desenhos do dinheiro não são dessa banalidade toda. Ele os traça com cuidado artesanal. As marcas do seu desenho não são disfarçadas e os sinais gráficos de um objeto impresso se atenuam. Nos melhores trabalhos, o artista reforça um contorno que não segue as determinações mais tradicionais e nem o chapado da reprodução industrial da nota. As linhas atribuem até algum volume às figuras da nota ao copiarem o sombreado do objeto em relação ao fundo e trabalharem bem as figuras impressas no dinheiro.

O curioso é que a iconografia mais popular do dinheiro nos Estados Unidos reforçou o que ele tinha de trivial. No século XIX, pintores como William Harnett, John Frederick Peto eJefferson David Chalfant pintavam o dinheiro para tentar copiá-lo. Eles queriam enganar o olho, mostrar que seriam capazes de reproduzir no óleo sobre a tela a imagem de uma nota na parede. Assim, poderiam confundir os incautos. Era um truque, uma esperteza visual que chamava atenção para a habilidade dos artistas em copiar o que não poderia ser copiado. As ambições eram rebaixadas e inconsistentes. A obra era própria do falsário e não do pensador.

Embora Warhol não se interessasse em ser um bom imitador, sua obra tinha algo desse trato rebaixado da figura. Não procurava a verossimilhança, como os seus antecessores, mas uma forma em que o dinheiro não aparecesse como nada mais do que ele é. Nas telas feitas em silk-screen, vemos máscaras de dólar, a figura é repetida

várias vezes. De tanto que são reiteradas, elas se transformam em manchas, fantasmagorias. O trabalho não é o esquema duchampiano de se apropriar de um objeto não-artístico e fazer com que o público o aceite como obra de arte e também não é um adensamento de seu sentido peãla mudança de sua função. Pelo contrário, sua presença é tão ostensiva, que o sentido original das cédulas some, como quando repetimos a mesma palavra várias vezes.

Assim a trivialidade do trabalho, vem do seu uso reiterado. O artista consegue resultados extraordinários de um ato quase mecânico. Otimista, Warhol vê a possibilidade de fazer muitas coisas no ato de manipular essas cédulas. Assim como as bandas de rock e a música minimalista também encontraram formas várias de encontrar sentido a partir de esquemas, aparentemente, muito limitados. O dinheiro acumulado na tela, como uma imagem pouco objetiva, nos mostra uma outra face.



A DE ARQUITETURA

Dinheiro para Philip Johnson Criangas Philip Johnson Carlos M. Teixeira Sobre a crítica de que seus projetos a rem fócsis: "É porque dicar ao jogo da performance dicar ao jogo da performa

Gabriela Mudado

A noção infantil para o uso do dinheiro é sempre muito peculiar. Principalmente, quando a criança chega aos 12 anos de idade tendo testemunhado quatro trocas de moeda e uma série de misteriosos desaparecimentos de zeros, proporcionados pela economia surreal que o país testemunhava na década de oitenta.

Quando os zeros sumiam, eu me lembro de pensar que aquilo era uma espécie de milagre do barateamento dos brinquedos, certamente operado por um Deus das crianças que tinha a aparência de uma enorme boneca de porcelana e se chamava Elizabeth.

Era também quando eu dava mais trabalho para os meus pais. Protegida por um argumento cheio de lógica matemática, eu apelava e chorava porque não conseguia entender o motivo de não ter poder ter a desejada boneca que falava (com quem eu já tive infindáveis diálogos imaginários) que antes custava \$100 e passou, de uma hora pra outra, a custar a bagatela de \$01. E então vinham os apelos emocionais do tipo: "você não quer me ver feliz!" e toda esta sorte de coisas que meninos despeitados e criados com liberdades hippies falam para os pais.

Embora eu tenha me frustrado diversas vezes com a impossibilidade de ter vários brinquedos, eu me lembro que a primeira vez que eu realmente desejei ser muito rica foi quando descobri o creme de leite. Nos meus devaneios pueris, quando eu crescesse e tivesse muito dinheiro, eu compraria

uma piscina de creme de leite. Felicidade era sinônimo de fartura de creme de leite e, no céu governado pela Elizabeth, a iguaria já saía pronta e gelada das tetas das vacas.

Claro que, com o tempo, os símbolos de luxo foram ficando mais refinados. Depois do creme de leite passei para o danoninho, o sorvete e o chantily, até chegar nos objetos eletrônicos, como a máquina de calcular que tocava música quando era aberta, o relógio que tinha um teclado de calculadora e a máquina de escrever infantil. Foi a minha ruína.

Se eu tivesse ficado nos laticínios, teria sido muito mais econômica e feliz. Por mais que eu fosse, hoje, a apreciadora do mais caro dos queijos, ainda assim gastaria muito menos do que o montante que já investi com computadores, CD players, iPods, celulares, etc.

Por certo, se tivesse persistido com o sonho de comer chantily e queijo o dia todo, correria o risco de morrer enfartada aos vinte anos ou sofrer de outros problemas causados por uma eventual obesidade mórbida. Mas, pelo menos, teria a Elizabeth me esperando de braços abertos no céu de vacas que dão creme de leite.

O mais caro dos queijos é produzido no alto de uma montanha na Suécia, feito à base do leite tirado de três alces. Gullan, Haelga e Juna foram encontradas vagando sozinhas a 700 quilômetros de Estocolmo e domesticadas pela família de fazendeiros, que hoje lucram em cima da valiosa descoberta. O queijo chega a custar 600 dólares o quilo.

9

jetos eram fáceis: "É porque sou um péssimo arquiteto". Sobre a atividade dos arquitetos: "A tarefa de um arquiteto hoje é criar prédios bonitos. Isso é tudo." Sobre seu estilo, claramente influenciado pelo alemão Mies van der Rohe: "porque Mies é o mais fácil de copiar". Sobre o lado social da arquitetura: "Esqueça a função, ignore a responsabilidade social. É só fazer coisas tão belas o quanto puder fazer. Aproveite e gaste todo o dinheiro que você conseguir". Sobre a utilidade de um prédio: "Conforto não é uma função da beleza... o propósito não é uma condição para fazer um edifício belo... mais cedo ou mais tarde nós adaptaremos nossos prédios para que eles possam ser usados... de onde vem a forma eu não sei, mas ela não tem nada que ver com os aspectos sociológi-

cos ou funcionais da arquitetura." E sobre ele mesmo: "Eu sou uma puta".

Philip Johnson, o amoral, o sardônico, omanipulador; o mais poderoso e influente arquiteto americano do século passado. Arquitetura é um jogo de poder, e tanto mais para ele. Formou-se em Harvard depois de herdar milhares de ações de seu pai, advogado de mineradoras de alumínio em Ohio, seu estado natal. Em todos os momentos de sua carreira, sua habilidade para

dicar ao jogo da performance social certamente fizeram dele o que foi. Como fundador do departamento de arquitetura do Museu de Arte Moderna de Nova York e curador da famosa exposição "O Estilo Internacional", teve um papel fundamental em formatar a visão americana quanto ao sentido da arquitetura e do design ao longo de todo o século XX.

Patrono de arquitetos mais jovens como Frank Gehry e Peter Eisenman, grande parte do estrelato internacional da arquitetura deve o que é ao apoio que dava aos promissores ainda desconhecidos. Foi através desse patronato - que incluía repassar projetos lucrativos e prestigiosos para seus protegidos - que Johnson desenvolveu uma legião de seguidores e assumiu o título de capo di tuti i capi da arqui-

Manipulador da mídia, entrevistador fabuloso, jornalista que sabia se expressar perfeitamente e debatedor imbatível, ele também soube se infiltrar nas mais altas rodas novaiorquinas, por onde circulavam o mundo da arte, os poderosos, os magnatas. Foi o único arquiteto que ganhou o prêmio Pritzker – o Nobel da arquitetura - não por sua obra, mas pelo impacto que causou devido ao contraditório senso de comercialismo e oportunismo embutido em sua carreira (ainda que demonstrasse uma visão de arquitetura sofisticada e quase européia). E, dentro de sua postura sempre niilista e iconoclasta, sentiu os trágicos aspectos do século XX, como a falta de um centro, a falta de uma direção clara, a falta de valores e a inevitabilidade das mudanças: "Afinal, qual é o propósito mais alto?"



Luiz Giffoni e o preço do passeio de camelo

Ana Elisa Ribeiro

Luís Giffoni nasceu na cidade mineira de Baependi e mora em Belo Horizonte há muitos anos. É um dos nomes mais conhecidos da literatura contemporânea brasileira e não apenas entre os pares. Giffoni coleciona prêmios, entre eles o da Bienal Nestlé de Literatura, o APCA, o Nacional Cidade de Belo Horizonte e o Prêmio Minas de Cultura, além de uma indicação para o Jabuti. Autor de quase duas dezenas de livros, Luís Giffoni também coleciona álbuns de viagens. Os dois últimos livros são compostos por deliciosas crônicas de suas idas (e vindas e voltas) a países como Itália, Egito, Chile, Tailândia e Manatu Bakara (este último é uma surpresa). E não se trata de viagens de turismo, com visitas a torres famosas e a prédios clichês, mas de viagens de mochileiro, com muita esperteza e pouca grana no bolso. Excelente leitura para qualquer ocasião, bom livro pra dar de presente tanto para quem curte viagens quanto para quem não gosta de sair do lugar. O trecho de crônica selecionado para esta página do Letras está no último livro, O Reino dos Puxões de Orelha, lançado pela editora Pulsar, em 2006. Retalhos do Mundo, o livro anterior, já está há muito esgotado. Para quem quer saber o preço do passeio de camelo, aí vai um fragmento das aventuras de Giffoni.

PIRÂMIDES, CAMELOS E FANTASMAS Luís Giffoni

- [...] Abordei o dono da cáfila, um muçulmano com indumentária completa, da bata ao turbante, sem faltar o cavanhaque ralo:
- Quanto custa a volta de camelo?
- Pra subir, dez dólares, amigo. Precinho bom pro amigo virar freguês.

Não dei importância ao risinho cínico que me dirigiu. Como no Egito os preços também devem ser pechinchados até as lágrimas, talvez um pouco além, rebati:

- Pra ficar freguês, cinco dólares. Exaltou-se.
- Por Alá, o que o amigo quer fazer comigo, me matar de fome? Tenho família, mulher e filhos, muitas bocas para alimentar. A vida das crianças depende destes animais.
- CINCO DÓLARES, PEGAR OU LARGAR.
- Já vi que o amigo é duro na queda. Oito dólares.

- CINCO OU NADA.
- Você está roubando o leite de meus filhos. Por Alá...
- Cinco ou nada endureci a voz, antes que o egípcio fingisse chorar. Ele era péssimo ator.
- Tá bem, tá bem... Pra mim é prejuízo, mas hoje vou aceitar, porque estou com um filho nas últimas no hospital. Por Alá, a sua consciência não paga dez dólares?
- Não. Só paga cinco.
- Então pode subir, seu desalmado. Montei no camelo. Aliás, não era camelo, mas dromedário, pois tinha apenas uma corcova. Comelo tem duas. Sempre me confundo. Dromedário, etimologicamente, significa camelo corredor. Não era o caso do meu, ainda bem.
- [...] Dirigi-me para as pirâmides, uma das sete maravilhas do mundo antigo, a única que ainda resiste. A maior delas, Quéops é mais velha que a Bíblia: beira quatro mil e novencentos anos. Durará outro tanto

NESTE MUNDO DE BOMBAS DEVASTADORAS E BELICOSOS DONOS DA VERDADE? DUVIDO. [...] SATISFEITO COM O PASSEIO DE CAMELO, DESCULPE, DROMEDÁRIO, RETORNEI AO PONTO DE PARTIDA. POR MAIS QUE EU TENTASSE, O ANIMAL NÃO OUIS AGACHAR PARA EU DESCER.

- Por favor, dá pra fazer o camelo baixar? Ele abusou do cinismo.

Pedi ao dono do animal:

- Amigo, pra subir, você pagou cinco dólares. Pra descer, tem de pagar mais dez
- O ouê?!
- É ISSO MESMO, AMIGO, DEZ DÓLARES, PRA DESCER. PEGAR OU LARGAR, O CAMELO NÃO AGACHA E VOCÊ FICA AÍ EM CIMA O RESTO DO DIA...

Entendi o risinho que me dirigira meia hora antes. [...]

Pirâmides, camelos e fantasmas, fragmento de crônica do livro O Reino dos Puxões de Orelha, de Luís Giffoni.



A economia criativa da WWW

Alemar Rena

Vivemos em um mundo hoje em que as coisas, muitas delas, parecem bem confusas: a convivência social, as infra-estruturas urbanas, as relações homemmeio-ambiente, a política (em toda a amplitude do termo) e, de forma especial, os meios de comunicação, mas mais especificamente a Web. Para trazer para a cena uma questão interessante, pergunto: pessoas comuns, como você e eu, com as nossas pequenas colaborações no espaço virtual, podem ganhar dinheiro com isso? E mais: querem? O que queremos afinal de contas com toda essa troca de conteúdos e produtos digitais das mais diversas categorias em espaços como Myspace, Overmundo, entre tantos outros?

Hernani Dimantas, em um texto chamado "A Multidão Hiperconectada", afirma que "não existe colaboração sem generosidade. Colaboração não é ajuda. (...) Tem a ver com proje-

tos de interesse comum". Bem, se são projetos de interesse comum, então também estamos sendo generosos com nós mesmos... Generoso consigo e com o outro, ou, melhor ainda, através do contato, da conexão com o outro. Acho que aqui está parte da resposta para nossa pergunta: o homem contemporâneo, pelo menos os mais antenados nessa filosofia da vivência em rede, intui (muitos nem se perguntam exatamente como), que há algo de especial e valioso na conexão, no agenciamento, na multiplicidade, na coletividade.

Creio que já percebemos: a massa é burra, mas a coletividade é inteligente. Uma coletividade em que

seus agentes possuem autonomia para criar, falar, em fim, agir livremente; porque se não há autonomia, então voltamos a ser massa. Assim, o "lucro" nessas trocas é que todos produzimos o que gostamos de produzir, porque nos divertimos com isso, e disponibilizamos para os outros. Os outros, sem exigirem nada de você, fazem o mesmo. Entramos então em uma lógica do escambo mesmo, só que trocamos coisas que adoramos fazer; e buscamos na rede outras coisas que gostamos de ter por perto, mas não sabemos exatamente como fazer.

O que isso demonstra (pelo menos creio que seria uma hipótese a ser considerada) é que se nos darmos oportunidades reais de vivência coletiva em rede e com autonomia, podemos ser seres sociais mais inteligentes do que já fomos em todas as outras formas de organização em sociedade pelas quais passamos

Deve-se lembrar, no entanto,

que a troca de conteúdo intelectual, como por exemplo histórias, poemas, músicas, jogos, receitas médicas, receitas de pratos e um vasto etc., durante grande parte da história humana foi algo natural, fazia parte dos processos cotidianos de invenção e comunicação oral das comunidades. Mas algo mudou radicalmente, principalmente desde que a imprensa foi inventada e difundida nos quatro últimos séculos. Juntamente do nascimento da ferramenta "livro", que passou a ser (re)produzida em escala, foi necessário que se criasse a figura de um responsável pelo que o texto impresso dizia (anteriormente, como o texto era oral, um produtor ou um responsável ia automaticamente junto do texto); um forma de controle pelos poderes instaurados (nobreza e clero). A esta figura, hoje ubíqua, foi dado o nome de autor. Mas, desde o advento do capitalismo e incremento dos meios de comunicação de massa, o papel desta figura criadora

mudou drasticamente, sendo apropriado e reelaborado pela chamada indústria cultural; na verdade, sem o autor e suas novas funções, provavelmente a indústria do conteúdo nem mesmo existiria. Bem, como se pode imaginar, estas funções estão diretamente relacionadas à idéia de comércio do produto intelectual, da promoção, da propagação em escala nacional e transnacional dos conteúdos.

Mas o que acontece quando todos passam a poder produzir, acessar e publicar conteúdos utilizando-se de meios e tecnologia contemporânea, assim como os produtores profissionais da indústria do conteúdo? O filósofo francês Jean Baudrillard disse certa vez: "Se um indivíduo morre sua morte é um acontecimento considerável, enquanto que se mil indivíduos morrem, a morte de cada um é mil vezes menos importante". Isso é o que vem acontecendo com a WWW. São milhões de produtores desapegados do comércio e do lucro

trocando suas pequenas criações.

É claro que isto tem algum efeito negativo para a indústria do conteúdo. Mas não devemos nos enganar. Estudos mostram que, de todo o capital que circula na WWW, grande parte está concentrado nos bolsos de pouquíssimas empresas, como a Yahoo!, a Microsoft, a Google, etc. Igualmente, importantes empresas do mercado tradicional lá estão, buscando migrar parte de suas estratégias de mercado para o universo da rede. Elas buscam dar continuidade ao seu mecanismo de promoção e venda em grande escala dos produtos que desenvolvem. Basta verificarmos a lista dos 15 nomes mais pesquisados no Google no Brasil; lá se encontram nomes como Laura Pausini, Legião Urbana, Madona, Simpsons, Flinstones e Scarlett Johansson.

Por fim, certamente criadores marginais que postam seus trabalhos na Web para download

> podem fazê-lo também com fins de promoção pessoal; e ainda há sempre os pequenos com grandes idéias que vez por outra se tornam hits multimilionários; exemplos, entre muitos, são o filme Bruxa de Blair, o You Tube e o site The Million Dollar Homepage, este último de um garoto inglês que foi para a Web atrás de dinheiro para pagar a faculdade; ele pôs no ar uma página em que vendia cada pixel, para fins publicitários, por 1 dólar. A idéia era simples, mas diferente, e pegou. O garoto levou muito mais do que o milhão de dólares almejado de início e ganhou exposição em escala global. O endereço, para quem ainda não viu, é: www.milliondollarhomepage.com.



Dinheiro independente

Rodrigo James

No final de setembro, Belo Horizonte foi palco da primeira edição do Festival Garimpo, do qual fui um dos produtores. Criado pelas equipes responsáveis pelo Programa Alto-falante e pelo Bar A Obra, o intuito não é outro senão oferecer ao público belorizontino uma oportunidade de travar contato com alguns dos melhores nomes da cena independente brasileira, além de um espaço para que os artistas locais possam se apresentar em um evento de grande porte. A troca de experiências com os colegas de outros estados e, quem sabe, o alcance de vôos mais altos também estão no rol de intenções.

Para que o Garimpo aconteces-

se, contamos com o apoio de alguns poucos porém valiosos apoiadores, que nos ajudaram a cobrir cerca de 30% do orçamento. Parece pouco, mas em se tratando de um evento como este, qualquer centavo é bem vindo. Um deles - o principal - foi conquistado através da Abrafin, a associação que congrega os festivais independentes ao redor do país. Apesar de não fazermos parte oficialmente (os eventos que integram a Abrafin só podem se filiar depois de terem realizados três edições), o patrocinador acreditou no potencial do evento, principalmente porque por trás deles estavam duas "instituições" que se não fossem por mais nada, estão na ativa há dez anos. E, em se tratando de mercado independente, isto

não é pouco.

O mercado independente da música cresceu de maneira assustadoramente nos últimos cinco anos. Se há dez ou quinze anos, a produção de um festival destes era uma aventura, hoje pode-se dizer que a profissionalização tomou conta da cena e, principalmente, o dinheiro apareceu. Os maiores eventos do Brasil, como por exemplo o MADA, em Natal, e o Abril Pro Rock, em Recife, têm hoje patrocínio de grandes empresas, como a Tim e a Petrobras. Aliás, a estatal do petróleo é um caso à parte.

Coordenado pelo Instituto Moreira Salles, o 1º Edital Petrobras de Festivais de Música, criado este ano, é, como diz o próprio

site da estatal, "uma iniciativa inédita do Governo Federal que visa fortalecer o circuito de festivais, que representam hoje o principal canal de circulação dos artistas brasileiros pelo país". E isto não é pouco, acreditem. Quando uma empresa como a Petrobras decide incentivar a cena independente, é porque algo mais existe e definitivamente a era de aventuras ficou para trás. Mesmo porque o que se convencionou chamar de "cena independente" nos dias de hoje é bem maior e diferente do que foi há anos atrás. O mercado mudou, as multinacionais do disco caíram no ostracismo (apesar de ainda possuírem força invejável, mas isto é assunto para outro texto) e grande parte dos artistas que hoje frequentam as paradas e

formam público, pertencem a selos independentes ou atuam por conta própria, sem o auxílio de ninguém.

Os altos investimentos nestes eventos são uma faca de dois gumes. Por um lado, são tudo com o que os produtores sempre sonharam para realizá-los. Por outro, existe a máxima do "quanto mais dinheiro se tem, mais dinheiro se quer". Cabe aos aventureiros do passado e aos profissionais dos dias de hoje (que em muitos casos são os mesmos) saberem gerenciar este dinheiro e não caírem em tentações do próprio mercado, descaracterizando suas produções. Sinceramente, prefiro acreditar na boa índole de todos eles e em suas boas intenções para com este mercado.



L de Literatura

Lançamentos do mês no Café com Letras



Silêncio de girassóis: uma aventura solidária no lixão do Morro do Céu

Autor: Bruno Cattoni Editora: 7Letras Sábado, 06 de outubro



Os MomossexuaisAutor: Tavinho Paes
Editora: Ibis Libris
Sábado, 06 de outubro



As 3 baratas (da velha São Paulo) Autor: Tom Falcão

Editora: Pontes Editora de Campinas Sábado, 20 de outubro

C de Crônica

Uma profissão como outra qualquer

Reinaldo Morais

Ando muito pouco de táxi mas sempre que acontece aprendo muito com os motoristas. Outro dia eu peguei um deles no aeroporto de Congonhas para ir até um bairro próximo, o Itaim Bibi, na zona central de São Paulo. Numa conversa animada com o motorista ele dizia estar revoltado com uma determinada igreja evangélica que havia tomado tudo de sua devota sogra: dinheiro, casa, sítio, carro, óculos, obturação de ouro, livro de receitas, mobiliário de sala, geladeira, TV, DVD, prometendo que a "doação" era uma maneira de desafiar a justiça e a bondade de Deus que, assim provocado, faria tudo voltar multiplicado.

Não me interessei muito pelo episódio da espoliação em si, que é coisa corriqueira, parece ocorrer a todo momento. Basta ler os jornais. O que me intrigou foi a sogra de um simples motorista de táxi ser possuidora de tal cabedal. E para piorar minha ansiedade ele completou dizendo que seu cunhado, filho da sogra portanto, embora muito chateado com a ingenuidade da mãe mas certamente tocado pelo dedo do Deus desafiado, já havia lhe reposto todos os bens, exigindo dela, com a mão sobre a bíblia, que desta vez não daria nada para ninguém. E o motorista completou com um "ele

está muito bem, muito bem..." Aí não contive minha curiosidade e cometi a indelicadeza de perguntar que raios profissão era essa de seu cunhado, podia se dar ao luxo de não apenas compactuar com a solércia da igreja, mas depois de tudo ainda fazer a recomposição do patrimônio da mãe. E o motorista de táxi me respondeu candidamente, sem ruborizar: "meu cunhado trabalha com roubo de carga, trabalha para um sujeito que mexe com roubo de carga...está muito bem, muito bem mesmo",

repetiu. O que me impressionou não foi o cunhado ser ladrão ou atravessador de carga roubada, pois também isso, como a tunga nos templos, é matéria diária de qualquer jornal. O que me impressionou foram os valores que estão instalados dentro da cabeça das pessoas, que chamam a isso, com a maior ingenuidade desse mundo, de trabalho e o tratam com a mesma naturalidade e simplicidade de quem fala que um parente é fiscal de impostos, remendão, dentista, advogado.... E já chegando no destino o motorista arremata: "mês que vem eu e a patroa vamos passear na Suíça. A irmã desse meu cunhado trabalha em Genebra e nos deu

as passagens de presente". A ponto de explodir eu pergunto se ela também trabalhava com roubo de cargas, na Suíça. Ao que ele responde, ainda mais sorridente, que não, lá não tem isso não, ela é puta. Paguei a corrida, me despedi do simpático profissional do volante e fui embora, pensando na vida.





Na ponta do lápis e um gole de cachaça

Vinícius Lacerda Isadora Troncoso

Nascido em Guadalupe, estado do Piauí, e criado em Belo Horizonte, Rogério Fernandes conseguiu aproveitar bem a mistura de culturas para transformar as gravuras que cria em obras de arte. Publicitário e designer, está envolvido com a criação em todas as áreas de sua vida. Freqüentador assíduo de livrarias e botecos (é fã de uma boa cachaça), reserva os seus dias de folga para desenhar, ler e ir ao cinema.

Quando criança era introspectivo e já possuía uma visão critica daquilo que percebia. E em meio a sua infância já nascia o gosto pela arte, gosto esse que não culminou no curso de belas artes, pois ele achava que seus desenhos não eram suficientemente bons para ingressar no curso. E foi assim que acabou acreditando que o design e a publicidade poderiam acolher suas obras. Há três anos, porém, voltou a desenhar e a pintar, e escolheu como instrumento as gravuras, por sua capacidade reprodutiva. "Por que não reproduzir algo que você criou?", indaga.

Rogério conta que a idéia de reprodução veio, para ele, através do design. Além de se poder fazer um número maior de gravuras, ele ressalta que uma gravura sempre tem um preço mais acessível que uma tela. E, ainda, acredita que contribui para que um maior número de pessoas tenha acesso às obras de arte e possa tê-las em suas casas.

Rogério é também espírita, e acredita que o dinheiro seja bom

apenas para se poder viver bem e usufruir de tudo que o mundo pode propiciar. E, realmente, o dinheiro pode comprar vários itens para tornar a vida mais confortável e prazerosa. O que não se compra, no entanto, é o talento de um artista – não vemos inspiração nem capacidade à venda em bancas de jornal ou supermercados.

E quando o assunto é o mercado de Belo Horizonte, ele diz que o público da cidade gosta de arte, mas que não enxerga nela uma prioridade. Esse fato somado com a falta de formação que os brasileiros, em geral, têm para as artes, ajuda a formar um mercado com pouco investimento. Mediante essa situação ele confessa que é preciso encarar o mercado de forma inteligente e insistir muito para obter bons resultados e reconhecimento.

Sua renda ainda não é toda proveniente da venda de suas obras, mas ele já consegue obter algum lucro através delas. Para não sucumbir à margem, Rogério cuida para manter uma visão mercadológica em seus trabalhos, distinguindo o que é comercial e o que não é. Diz ser criticado por isto, mas faz parte do seu estilo.

A representação do cotidiano em suas gravuras é feita, em sua maioria, em skecthbooks, apetrecho que Rogério carrega sempre consigo. Mas esta é apenas a primeira etapa da produção. Em seguida, as imagens são scaneadas, coloridas e impressas. Para reproduzir as gravuras ele utiliza a técnica do silk, e, algumas vezes, a técnica de reprodução direto da

própria matriz de madeira, que é mais demorada mas tem um resultado muito bom. Ainda que seja intencional uma reprodução de suas obras, Rogério tem o cuidado de gerar no máximo cinqüenta copias de cada gravura feita. Desta maneira,

as gravuras não tornam-se desvalorizadas.

Admirador de nomes como Portinari, Goeld, Van Gogh, Caravaggio, Michelangelo, Picasso Rembrant, tem sua criação embasada no lema da arte pelo belo e pelo bem. Afirma não ser transgressionista, apenas usa as leis da estética a seu favor. Mesmo assim é impossível não notar a presença de características nordestinas, religiosas e um pouco de realismo fantásticos em suas gravuras. E a forte presença de olhos, que são, para Rogério, o comeco e fim de tudo. Estáticos, conseguem transmitir uma certa profundidade - são agudos e bem demarcados.

Recentemente,

Rogério criou um website contendo todas suas gravuras e seu portfólio. E, ao contrario de algumas opiniões, ele acredita que a internet pode ser mais um suporte para o artista, uma vez

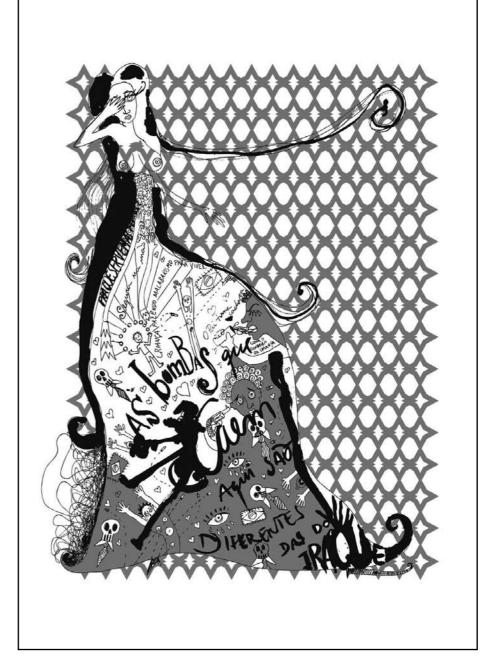
que este meio contribui para a

divulgação de suas obras. Uma

das maiores galerias do mundo, a Saatchi Galery de Londres, abriu uma galeria virtual para exibir novos artistas. Assim, ele entende que a arte e a internet serão parceiras inseparáveis, caracterizando como um processo sem volta.

Seu sonho é, atualmente, viajar por todo o mundo expondo suas obras e, ao mesmo tempo, ampliar seus conhecimentos e encher a sua bagagem de informações e novas experiências, que cedo ou tarde acabarão por estampar alguns de seus trabalhos.

Visite o site: www.rogeriofernandes.com.br



F DE FOTOGRAFIA



Fotógrafo: Ramilton Carmo

Savassi Festival 2007



Fotógrafa: Bia Braz



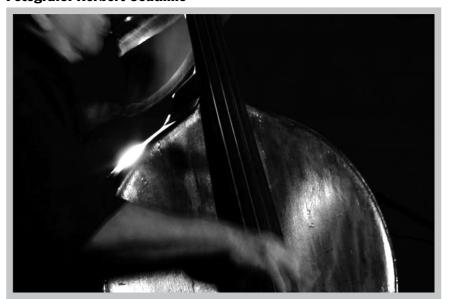
Fotógrafo: Felipe Neffa

Fotógrafa: Myriam Villas Boas





Fotógrafo: Herbert Coutinho



Fotógrafo: André Tanure



Fotógrafo: luri Fernandes





Fotógrafo: Bruno Paes



Fotógrafo: Mateus Matos



Matem todos os editores

Carlos Cardoso

Uma das profissões menos entendidas e mais admiradas no Brasil é a de escritor. Quando eu vivia somente de escrever livros de informática, quando me apresentava era recebido com reverência – "uau, nunca havia conhecido um escritor antes"- ou incredulidade – "mas você não tem um emprego? Dá pra viver só de livros?"

Ao mesmo tempo que ser escritor era um grande mérito, viver da venda de seus livros parecia impossível. A sabedoria popular dizia que somente Jorge Amado e Paulo Coelho conseguiam essa proeza no Brasil.

Alguns meses no mercado editorial foram suficientes para mostrar que não só muita gente vivia de seus livros, como mais ainda os usavam como complemento na renda familiar.

Nem por isso fomos invadidos por candidatos à ABL, de manuscritos sob o braço, tentando um lugar ao Sol. A estrutura editorial sempre agiu como um filtro e um limitador, aplicando um choque de realidade aos candidatos.

Agora com a Internet voltou à baila a idéia de ganhar dinheiro escrevendo, desta vez removendo do circuito tudo que poderia atrapalhar. Editor, revisor, custo de impressão e em alguns casos até o leitor.

Popularizou-se a figura do blogueiro. Este pode ser um profissional experimentado, jornalista, publicitário, matemático ou taxista, com uma boa capacidade de verbalizar suas experiências e opiniões, mas a visão popular é de um sujeito que senta na frente do computador, escreve qualquer besteira e vai para a porta do banco esperar o dinheiro cair. Uns seis mil anos atrás após

um infeliz desentendimento a Humanidade foi condenada a comer o pão com o suor de seu rosto, coisa que além de não soar nada apetitosa, não pode ser contornada com o uso de ar-condicionado, visto que se trata de uma metáfora.

Não consta que isso venha a mudar tão cedo.

Ganhar dinheiro na Internet é possível. Muita gente consegue, mas nem de longe deixa de ser trabalho, e nem de longe carece de uma qualificação. A exigência ser do Mercado e não da Academia ou de órgãos de classe não isenta o autor. Quem não souber escrever não vai ganhar dinheiro na Internet.

Quem souber vai. Mas também vai abandonar o conceito de feriados, vai deixar de receber o respeito e admiração dirigidos aos escritores "de verdade", e vai escrever textos como este 4:16 da manhã de domingo, apenas para ser chamado de "vagabundo de sorte", mas no bom sentido, é claro.

A Internet é um terreno fértil—adubo é abundante por lámas não é o novo eldorado. Quem quer ganhar dinheiro na Internet deve primeiro fazer uma autocrítica e perguntar-se: "Eu teria condições de ganhar dinheiro escrevendo em outra mídia?" Se a resposta for negativa não largue seu emprego.

Todos os meses, o blog Caixa Preta participa do Letras com essa coluna. Entre muitas coisas legais, você também pode conferir por lá alguns dos textos publicados no jornal.

Carlos Cardoso escreve no blog Contraditorium e foi convidado pelo blog Caixa Preta para escrever essa coluna. Visitem: www.contraditorium.com



Rua Antônio de Albuquerque, 781 - Savassi Belo Horizonte - MG Tel.: (31) 3225 9973

Programação de Outubro

■ Lançamento de Livro: As 3 Baratas (da velha São Paulo), de Tom Falcão, Pontes Editora de Campinas.

Sábado, 20.10, 11:00

■ Blá Blá Blá en français

A iniciativa da Aliança Francesa e do Café com Letras volta a partir do dia 10.10, quarta-feira. Todas as quartas, a partir de 19:30, uma boa conversa em francês no Café com Letras. O projeto é gratuito

■ Jazz com Todas as Letras

- Jimmy's Band Sábado, 06.10
- Zazu, Marcelo Moraes e
- Hudson Vaz Domingo, 07.10
- Neném Trio
- Sábado, 13.10
- Domingo, 14.10
- All That Jazz
- Sábado, 20.10
- Domingo, 21.10
- Gilberto Mauro Trio Sábado, 27.10

Domingo, 28.10

■ DIs no Café

Sempre às 21:00

- 02.10 DJ Bitt
- 04.10 DJ Chancelady
- 05.10 DJ Leo Boi
- 06.10 DJ Muchelas
- 09.10 DJ Maurinho
- 11.10 DJ Juliano Sá • 12.10 DJ Pomba
- 12.10 DJ Pemba
- 13.10 DJ Seu Muniz
- 16.10 DJ Vinny
- 18.10 DJ Dud's
- 19.10 DJ Penélope
- 20.10 DJ Slika
- 23.10 DJ Yuga (a confirmar)
- 25.10 DJ Rebequinha
- 2610 DJ Alex C
- 27.10 DJs El Cabrón e Marcelo Crasso
- 30.10 DJ Bio Pepper

O Café com Letras passa por uma reforma para melhor atender seus clientes. Com isso, a Livraria reduziu temporariamente seu estoque de livros nas prateleiras. Entretanto, a fim de compensar o transtorno é decretado um super-desconto de 30% na compra de qualquer exemplar à vista até o fim da reforma!

caixapreta.blog.br



Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD

Tel.: (31) 3281 6720

Aliança Francesa

Tel.: (31) 3291 5187

Arquivo Público Mineiro (APM) Tel.: (31) 3269 1167

Art Vídeo

Tel.: (31) 3221 4778

Biblioteca Públ. Est. Luiz de Bessa

Tel.: (31) 3269 1166

Café com Letras

Tel.: (31) 3225 9973

Café Tina

Tel.: (31) 3261 5968

Casa do Baile

Tel.: (31) 3277 7443

Cavallieri Oficina de Música

Tel.: (31) 3221 7836

Celma Albuquerque Gal. de Arte

Tel.: (31) 3227 6494

Central do Estudante

Tel.: (31) 3282 1868

Centro de Cultura Belo Horizonte

Tel.: (31) 3277 4607

Cultura Alemã

Tel.: (31) 3223 5127

DiscoMania

Tel.: (31) 3227 6696

EH! Vídeo

Tel.: (31)3426 4817

Espaço Vivo

Tel.: (31) 3261 8171

Fundação Clóvis Salgado Tel.: (31) 3237 7399

Fundação Municipal de Cultura

Tel.: (31) 3277 4620

Guitar Shop

Tel.: (31) 3261 4595

Hard Core Body Piercing e Tatuagem

Tel.: (31) 3282 4411/ 3264 5757

Museu de Arte da Pampulha

Tel.: (31) 3277 7946

Tel.: (31) 3277 8573

Museu Histórico Abílio Barreto

Museu Mineiro

Tel.: (31) 3269 1168 **Natural**

Tel.: (31) 3264 1392

Rádio Inconfidência Tel.: (31) 3203 0300

- - ---

Rede Minas

Tel.: (31) 3289 9000 **Royal Savassi Apart Hotel**

Tel.: (31) 3247 6999

Teatro Francisco Nunes Tel.: (31) 3277 6325

Teatro Marília

Tel.: (31) 3277 6319

Universidade Fumec

Tel.: (31) 3228 3000

Usina

Tel.: (31) 3261 3368

Vitrola Café

Tel.: (31) 3227 2138